

Música x

Dança x

FABRIZIO CASSOL, ALAIN PLATEL

REQUIEM PARA L.

A PARTIR DE W.A. MOZART

14-16 MAR 2019

QUI, SEX 21:00

SÁB 19:00

Grande Auditório

Duração 1h40

M/14

O QUE RESTA FAZER DEPOIS DISTO?

Fabrizio Cassol tem deixado bem claro que esta reinterpretação do *Requiem* de Mozart foi o desafio musical mais arriscado que alguma vez tentou. Esta aventura artística começou três anos antes da sua estreia em Berlim (janeiro de 2018), quando Fabrizio Cassol e Alain Platel começaram a pensar na próxima fase da sua longa colaboração. Possivelmente foi concebida durante a tournée de *Coup Fatal* (2014), um encontro entre 13 músicos congolezes e o repertório barroco europeu, no qual os dois juntaram energias de modo a terminar os últimos detalhes. A sua primeira colaboração, contudo, foi há mais de dez anos: *vsprs* (2006), baseado em *Vespro de la beata vergine*. Mais tarde surgiu *pitié!* (2008), cujos últimos espetáculos em Quinxassa foram descritos como sendo verdadeiramente históricos e permitiram a criação de um forte laço com o Congo que ainda hoje tem ecos.

Uma adaptação da obra *Requiem* de Mozart era o que mais apelava a Platel. Talvez porque, durante aquele período, a morte se tinha cruzado com ele várias vezes: teve de dizer adeus ao pai, perdeu o seu fiel cão e esteve junto ao leito da morte do seu mentor, Gerard Mortier. Para Cassol, saber que Mozart não tinha terminado *Requiem* abriu a possibilidade de se relacionar com a obra enquanto compositor. Outros já lhe tinham acrescentado coisas, anteriormente, em diferentes eras. Porque não uma reinterpretação fresca para um período em que o mundo se tornou tão grande e as distâncias tão pequenas?

Fabrizio Cassol encontrou uma bela edição do *Requiem* na biblioteca do maestro Sylvian Cambreling e pôs-se a estudá-la. As variações da caligrafia permitiam distinguir entre as partes que Mozart escreveu e as adições feitas por outros. Contudo, seria enganoso sugerir que Cassol eliminou estes acrescentos e manteve apenas Mozart puro. O original também foi retrabalhado. Cassol fez esboços, um destilar imaginário que contém a essência da escrita de Mozart e que sempre será reconhecido enquanto tal. Os textos foram reduzidos à sua essência. Também seria igualmente simplista pensar que as adições são africanas. Tal como Cassol reitera: há pouco de africano nos ritmos e harmonias acrescentadas. Para ele, faz tudo parte de um mundo de sons musicais que defendeu desde o início e que é alimentado por tradições musicais específicas

(pigmeia, indiana, maliana), também elas ligadas a formas igualmente específicas de espiritualidade. Aqui reside o grande desafio: imaginar um tipo de cerimónia diferente para o luto que não é ocidental nem africano. Também é provável que esta necessidade dentro dele tenha sido impulsionada por uma perda grave na sua vida privada, por uma forte necessidade de nutrir a vitalidade.

Que mais fez neste trabalho? Quem estiver familiarizado com *Requiem* irá imediatamente pensar no canto de coro. Cassol substituiu os grandes números por indivíduos, criando assim um espaço expressivo alternativo onde as melodias se seguem umas às outras. Partes vocais consecutivas tornam-se então uma clarificação entre pessoas, fazendo assim do *Requiem* algo “do povo”. Por causa destas partes vocais – a única coisa que permaneceu de Mozart – Cassol precisou de algumas vozes líricas. Procurou cantores de ópera da África do Sul, cujo trabalho conheceu através da colaboração com Brett Bailey, para quem adaptou *Macbeth* de Verdi. Geralmente, a distribuição vocal repousa numa base sólida de quatro vozes: soprano, alto, baixo e barítono. Cassol optou deliberadamente por triângulos, omitindo o baixo, permitindo uma maior flexibilidade ao mesmo tempo que cria uma certa instabilidade. Paralelo a este trio de vozes líricas, colocou um trio de vozes negras vindas da tradição oral: Freddy Massamba, com base em Bruxelas, Kinois Boule Mpanya e Russell Tshiebua, são as segundas vozes que já tinham estado em primeiro plano em *Coup Fatal* e também fizeram parte de *Nicht schla-fen* (2016), de Platel. No entanto, as vozes nem sempre cantam juntas e, por isso, nem sempre podem procurar apoio umas nas outras. Para Cassol, isto é uma extensão da ideia de fuga que torna a música mais alegre.

A partitura de Mozart não inclui o fim para o *Requiem*. Geralmente, o fim regressa ao princípio, mas para aquilo que Platel tinha em mente era impossível. Por isso Cassol funde o *Requiem* com a *Missa em Dó Maior*. O *Requiem* é em Ré Menor que, para Cassol, representa o tom mais aberto e radiante: alegria que desliza para o mais pesado, escuro e dramático Dó Maior.

Cassol vê-se a si mesmo como o arquiteto desta música. Mas não podemos esquecer que o trabalho também teve a contribuição dos músicos durante os ensaios. Os textos em latim de *Requiem*, e da *Missa em Dó Maior*, têm os seus equivalentes em lingala ou suaíli, com partes em tshiluba ou kikongo. Russel Tshiebua geralmente funciona como tradutor e produtor de texto. Massamba recita os textos na sua língua-mãe (kilari) de Brazavile. Por vezes, a tradução vem primeiro e a música em segundo. Outras vezes, surgem

as primeiras notas e só depois a língua que melhor lhes serve. No entanto, as traduções nunca são substancialmente diferentes dos textos em latim. O mais difícil são as harmonias frequentemente abrasivas que são sobrepostas umas contra as outras de forma tão idiossincrática. Isto é uma forma diferente de como os congolese ou africanos fazem as coisas e requer uma resposta cultural distinta; bastante complicado quando é necessário aprender tudo de ouvido e quando a partitura vai contra aquilo a que os músicos estão habituados. Tudo só começou a encaixar quando todas as vozes se juntam, razão pela qual os ensaios levaram tanto tempo (os primeiros ensaios datam de 2017). Juntar músicos com contextos diferentes é um desafio formidável pois é importante que sejam capazes de expressar o seu estilo de vida na música.

O número três sempre teve um lugar especial nos rituais maçónicos. De forma a homenagear Mozart e a sua ligação à maçonaria, há triângulos nas vozes como também três lamelofones (pianos de polegar). A música torna-se de algum modo cubista: em *Confutatis*, ritmos, influências e mundos colidem para criar uma imagem multifacetada. Felizmente, Rodriguez Vangama, o braço direito de Cassol, está em palco, o líder de *Coup Fatal* continua a exercer um apertado controlo na banda. O eufónio ou tuba (Niels Van Heertum de *En avant, marche!*) parece pertencer ao anjo da morte, lançando o seu apelo em *Tuba Mirum*. Em *Hostias* é como se entrasse na cabeça da moribunda L. O acordeão suporta e subverte as harmonias vocais em igual medida e a percussão age como o proverbial bater na porta. Alcançamos as fronteiras do que é expressável. A única questão que Cassol deixa por responder após este *Requiem para L.* é: depois disto o que é que ainda resta fazer? Fica a ideia de que tudo está feito.

Hildegard De Vuyst, dramaturgo
janeiro 2018



FABRIZIO CASSOL

Compositor e saxofonista da banda Aka Moon há 25 anos. Trabalha frequentemente com coreógrafos como Alain Platel, Anne Teresa De Keersmaeker (Rosas), o samoano Lemi Ponifasio (Mao Company) e o congolês Faustin Linyekula (Studios Kabako). Também trabalhou em ópera com Philippe Boesman-Luc Bondy e em teatro com Tg Stan. À sua estreita colaboração com KVS, o Royal Flemish Theatre, quando liderado por Jan Goossens, seguiu-se uma residência artística na ópera De Munt La Monnaie (Bruxelas), a cargo de Bernard Foccroulle.

Desde 2012, tem sido artista em residência na Fondation de l'Abbaye Royaumont, perto de Paris, para continuar a sua investigação em culturas do mundo. O seu interesse particular por músicas não-europeias começou depois de uma viagem aos pigmeus Aka na África Central em 1992, que depois expandiu para a Ásia (em especial a Índia) e novamente África. Trabalhou com a diva de Mali Oumou Sangare, o griot Baba Sissoko and the Black Machine, o mestre indiano da percussão U.K. Sivaraman e o senegalês Doudou N'Diaye Rose. Na música improvisada trabalhou com Marc Turner, Robin Eubanks, David Gilmore, Magic Malik, Marc Ducret e Joe Lovano.

Juntamente com o DJ Grazzhoppa criou a primeira grande banda com 14 DJs e participou no conceito de *aulochrome*, um novo instrumento de sopro de madeira cromático e polifónico, criado por François Louis.

Cassol transmite o seu extenso conhecimento de música de tradições orais e escritas, de música de câmara ou trabalhos sinfónicos em *workshops* e *masterclasses* por todo o mundo – Conservatoire National Supérieur (Paris), Royal Academy (Londres), Conservatório de Jerusalém, Alger, Pequim, Berlim, Chennai, Tunes e Royaumont.

Em 2017, lançou uma edição de colecionador dos 25 anos dos Aka Moon que incluía o novo disco *Now*, um regresso às origens do grupo com o trío original a tocar em conjunto.

ALAIN PLATEL

Formado em ortopedagogia e encenador autodidata. Em 1984, criou um pequeno grupo com amigos e família para trabalhar de forma coletiva: Les ballets C de la B. Em 1998, o grupo torna-se internacionalmente conhecido com *lets op Bach*.

Gerard Mortier convenceu-o a fazer *Wolf* (2003), baseada em Mozart, para a Ruhrtriennale. O projeto para a abertura do novo KVS marcou o início de uma colaboração próxima com o compositor Fabrizio Cassol. *vsprs* (2006) foi um ponto de viragem na sua carreira. Até aqui, o seu trabalho era exuberante quer na diversidade de artistas quer nos temas, mas tornou-se mais profundo e intenso, revelando um mundo de paixão, desejo e violência, como em *Nine Finger* (2007).

A seguir ao barroco *pitié!* (2008), *Out of Context – for Pina* (2010) foi quase uma reflexão ascética do repertório do movimento de espasmos e tiques. Platel continuou a procurar consistentemente na linguagem do movimento a encarnação de sentimentos demasiado vastos. O desejo por algo que transcenda o individual tornou-se cada vez mais palpável.

Em colaboração com o diretor Frank Van Laecke, criou *Gardenia* (2010) e *En avant, Marche!* (2015), sobre uma sociedade inspirada pela tradição das orquestras de fanfarra e bandas de metais, ao qual se juntou o compositor Steven Prengels.

Em *c(h)oeurs* (2012), uma encomenda do diretor de ópera Gerard Mortier, Platel trabalhou as famosas cenas de coro das óperas de Verdi, adicionando mais tarde peças musicais de Richard Wagner. Em conjunto com os seus bailarinos e com o coro do Teatro Real, o encenador investigou o quão “belamente perigoso” pode ser um grupo. A conotação política em espetáculos como *tauberbach* (2014) e *Coup Fatal* (em colaboração com Fabrizio Cassol) encontra-se na alegria de viver e na energia exibida em palco para mostrar como, por vezes, as pessoas vivem ou sobrevivem em condições pouco dignas. “Desejo pela vida” como forma de rebelião.

Entrou na vídeo-dança quase de modo sub-reptício, juntamente com a realizadora britânica Sophie Fiennes em *Because I Sing, Ramallah! Ramallah! Ramallah!* e *vsprs Show and Tell*, e a solo em *de balleten en ci en là*, uma perspetiva impressionante sobre uma companhia de dança com 21 anos, que nos leva até ao Vietname e Burkina Faso mas funciona maioritariamente como ode à terra natal de Platel: Gante.



“Em muitos países, a morte é celebrada de maneira muito viva. Em *Requiem para L.* é feita referência a esses rituais. A cenografia reporta ao memorial do Holocausto em Berlim. Tinha em mente mostrar alguém a morrer. Algo que vivenciei. Nesses instantes, para além do desgosto, extrai-se uma certa força”, conta Alain Platel. “Conversei com um conhecido meu, um médico muito empenhado nos cuidados paliativos. Falei-lhe do projeto. Ficou surpreendido. Seguiram-se encontros com pessoas confrontadas com a iminência da morte. Nesse contexto, encontramos a L. Conhecia-nos a ambos, tinha assistido aos meus espetáculos. Falei com ela da minha ideia.”

O Requiem assume então outra dimensão pois L. propõe que a sua “partida” seja filmada e que utilizem as imagens. Inicia-se um processo delicado, sendo Alain Platel assaltado por dúvidas. Demoraria mais uns meses, necessários também para a família de L. aceitar. “Julgo que, durante os ensaios, perceberam que de algum modo se tratava de uma homenagem à mãe e companheira.”

No palco, os vídeos a preto e branco, realizados por Natan Rosseel e editados por Simon Van Rompay, são de uma suavidade apaziguante e surpreendente. Sem indelicadeza, somente um olhar sobre o outro. Um adeus.

Em contraponto, a vida materializa-se pela circulação incessante de músicos e cantores. Sem exageros. “Sabia que a encenação devia ser sóbria. É um ritual do respeito. Era mais fácil deixá-los desenvolver uma coreografia alegre mas essa teria sido uma opção errada” reforça Platel. “Disse-lhes para fazerem menos, para comunicarem entre si de forma menos verbal, usando um simples gesto, uma carícia, um olhar. No seu conjunto, *Requiem para L.* é muito preciso na sua encenação. Parece um ‘trabalho de renda’”, refere o encenador e coreógrafo flamengo. “Há bastantes pormenores que saltaram da imagem para o palco. A música, os músicos são de uma grande generosidade”.

Fabrizio Cassol confirma essa perspetiva: “Nós temos a experiência do *Requiem* de Mozart. Aqui estão catorze



© Chris Van der Burght

músicos ou cantores. Com pouco, têm de produzir um impacto forte, daí ser preciso que cada um deles tecesse uma ligação com o outro e conseguisse expressar sentimentos próprios. Mesmo quando não se mexem muito no palco, da sua ação emana potência. Era a condição para o êxito da vertente musical. De cada vez que apanham uma aberta, por mais pequena que seja, não ficam à espera e tentam criar algo. O Alain disse-lhes para não recorrer ao público no seu desempenho: ‘Toquem a música para vós. Não procurem envolver os espectadores’.”

“Sabia que tínhamos de evitar que o *Requiem* se transformasse na banda sonora das imagens. Era importante obter um resultado que toda a equipa artística fosse capaz de defender. Estava convencido que não alcançaríamos o término desta aventura. Contudo, fomos até ao fim. Aquilo que mais me impressiona desde que começámos as apresentações é o silêncio nas salas: nunca o ouvi assim. Está ali uma força, cuja presença nos ajuda a continuar a nossa própria vida”, acrescenta Platel.

MÚSICA

Fabrizio Cassol baseado no *Requiem* de W.A. Mozart

ENCENAÇÃO

Alain Platel

MAESTRO

Rodriguez Vangama

GUIARRA E BAIXO ELÉTRICO

Rodriguez Vangama

CANTO

Boule Mpanya

Fredy Massamba

Russell Tshiebua

CANTO LIRÍCO

Nobulumko Mngxekeza

Owen Metsileng

Stephen Diaz

Rodrigo Ferreira

ACORDEÃO

João Barradas

Charles Kieny

GUIARRA ELÉTRICA

Kojack Kossakamvwe

EUPHONIUM

Niels Van Heertum

LIKEMBE

Bouton Kalanda

Erick Ngoya

Silva Makengo

PERCUSSÃO

Michel Seba

DRAMATURGIA

Hildegard De Vuyst

ASSISTÊNCIA MUSICAL

Maribeth Diggle

ASSISTÊNCIA COREOGRÁFICA

Quan Bui Ngoc

VÍDEO

Simon Van Rompay

CÂMARA

Natan Rosseel

CENÁRIO

Alain Platel

CONSTRUÇÃO CENÁRIO

Wim Van de Cappelle em colaboração com atelier NTGent

LUZ

Carlo Bourguignon

SOM

Carlo Thompson

Guillaume Desmet

FIGURINOS

Dorine Demuyck

DIREÇÃO DE CENA

Wim Van de Cappelle

FOTOGRAFIA

Chris Van der Burght

PRODUÇÃO

Katrien Van Gysegem

Valérie Desmet

ASSISTÊNCIA E DIGRESSÃO

Steve De Schepper

ESTAGIÁRIA TEATRO

Lisaboa Houbrechts

ESTAGIÁRIA ENGENHARIA DE TEATRO

Ijf Bouillet

EM DIÁLOGO COM

Dr. Marc Cosyns

PRODUÇÃO

les ballets C de la B

Festival de Marseille

Berliner Festspiele

COPRODUÇÃO

Opéra de Lille

Théâtre National de Chaillot Paris

Les Théâtres de la Ville de Luxembourg

Onassis Cultural Centre Athens

TorinoDanza

Aperto Festival - Fondazione I Teatri

Reggio Emilia

Kampnagel Hamburg

Ludwigsburger Schlossfestspiele

Festspielhaus St. Pölten

L'Arsenal Metz

Scène Nationale du Sud-Aquitain

La Ville de Marseille-Opéra

AGENCIAMENTO

Frans Brood Productions

APOIO ESTRUTURAL

Autoridades Flamengas

Cidade de Gante

Província de Flandres de Leste

North Sea Port

Belgian Taxshelter

AGRADECIMENTOS

Isnelle da Silveira

Filip De Boeck

Barbara Raes

Griet Callewaert

atelier NTGent

Mevrouw S.P.

Juffrouw A.C.

Fondation Camargo

Sylvain Cambreling

Con-nexion vzw

Agradecemos a L. e à sua família pela candura excepcional, a confiança profunda e o apoio único a este projeto.

Brevemente

VIJAY IYER + CRAIG TABORN

Música x

THE TRANSITORY POEMS

19 MAR 2019

TER 21:00

Grande Auditório

M/6

Dança x

Conferências e Debates x

QUATRO LEITURAS A PARTIR DE PAXTON

21 MAR 2019

QUI 18:30

Foyer das Galerias

Entrada gratuita

Culturgest